

## MORRO DA CONCEIÇÃO E ARREDORES - RESUMO HISTÓRICO

Na subida do morro, pelo lado da rua Acre, entre as ruas Visconde de Inhaúma, Miguel Couto e avenida Marechal Floriano, existe a venerável Igreja de Santa Rita de Cássia, erguida entre 1702/19 pelo casal de portugueses Manuel Nascentes Pinto e Da. Antônia Maria, devotos da Santa dos impossíveis. O templo atual foi inaugurado em 1720 pelo 3º. Bispo do Rio de Janeiro, Frei Francisco de São Jerônimo. Doadà à Mitra depois de longa batalha judicial, foi ereta em paróquia em 1751. Em frente a ela, existe o Largo de Santa Rita, que foi, do século XVIII ao XIX um cemitério de malfeitores. Ao final da antiga rua dos Ourives, hoje Miguel Couto (também conhecida pelo apelido de “beco das sardinhas”), começa a ladeira Major Daemon, antiga ladeira do “Aljube”, onde, em sua base, existiu até 1903 a antiga prisão eclesiástica, que datava dos tempos coloniais. Hoje no local está um prédio de estacionamento. Subindo a íngreme ladeira Major Daemon, chega-se ao antigo adro do Palácio Episcopal.

Sabe-se que um dos primeiros moradores do morro da Conceição foi o padre Antônio Martins, que, por possuir horta de salsa nas faldas de suas terras, era apelidado de “Padre Salsa”. Anos depois, foi o morro vendido ao português Paulo Caieiro, sendo por seu nome conhecido o morrote até 1634.

Em 1634, o casal Miguel Carvalho e esposa ergueram uma capela dedicada à N. Sra. Da Conceição em terras que possuíam no morro. O nome pegou. Em 1655, Da. Maria Dantas, viúva de Miguel, doou a capela à Ordem do Carmo, que não a quis. Foi em 1699 doada aos capuchinhos franceses, que construíram um hospício ao lado para repouso de missionários. Expulsos do Brasil em 1701 por motivos políticos. Foi, depois de 1702, o Palácio Episcopal do bispado. Durante o século XVIII, atingiu as dimensões atuais.

O antigo Palácio Episcopal, hoje sede da 5ª. Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico do Exército, foi ocupado pelo cabido de 1702 a 1912, sendo vendido ao Exército em 1923. Tombado pelo SPHAN em 1938 e restaurado entre 1943/49. Vê-se ainda na cobertura do prédio, a projeção da antiga capela da Conceição, hoje biblioteca militar. Vale lembrar que mais atrás, na rua do “Jogo da Bola”, assim denominada porque nela se praticava um esporte antepassado de nosso boliche, a “bocha”. Igualmente existe uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1892 e atualmente muito adulterada. Logo atrás do velho palácio, na praça Major Valô, existe a fachada imponente da Fortaleza da Conceição.

A Fortaleza da Conceição, foi erguida entre 1713/19 pelo engenheiro francês Jean Masset. Objetivava impedir futuros ataques inimigos à cidade, haja vista o fato do morro ter sido ocupado em 1711 pelo corsário francês René Duguay Trouin. Nunca funcionou como tal, haja vista a vizinhança do Palácio Episcopal, que impedia a utilização dos canhões sem danos ao dito palácio. Foi depois de 1769 fábrica de armas e presídio político, sendo ali recolhidos alguns conjurados mineiros de 1789 e cariocas de 1794.

A Casa de Armas da Fortaleza da Conceição, erguida em 1765 por ordem do Vice-Rei Conde da Cunha é um sólido prédio logo à entrada. Em seus subterrâneos estiveram presos de 1789 a 92 os conjurados poeta Thomaz Antônio Gonzaga, José Alves Maciel e Domingos Vidal. Depois abrigou o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga e o filósofo Mariano José Pereira da

Fonseca, futuro Marquês de Maricá. Hoje, ainda é uma repartição do Serviço Geográfico do Exército, abrigando equipamentos de aerofotos.

Em frente à porta da Fortaleza da Conceição, começa uma ladeira denominada João Homem, assim conhecida devido ao seu mais folclórico morador, o capitão de Milícias João Homem da Costa, que foi punido pelo Vice-Rei Conde da Cunha, em 1763, por apresentar-se a ele de camisolão de dormir, sendo obrigado a servir com essa indumentária nas obras de calçamento da rua.

Atrás do morro, ao final da rua do Jogo da Bola, próximo à avenida Venezuela, existe a famosa “pedra do sal”, enorme pedregulho com degraus talhados, onde perto existe curioso bar, local de encontro de sambistas e boêmios (João da Bahiana, Heitor dos Prazeres, Pixinguinha, Lecy Brandão, Martinho da Vila, etc). Foi um antigo porto onde se desembarcava o sal para a cidade, então gênero dos mais raros entre nós. Subindo a ladeira do Sereno (onde morou Lecy Brandão), chega-se à pitoresca igreja de São Francisco da Prainha, com seu adro colonial, cercado de casas antigas.

A Capela de São Francisco da Prainha, no adro de S. Francisco, foi erguida em 1696, foi arrasada em 1710 pelas tropas do invasor francês René Duguay Trouin. Reconstruída em 1738 e reformada em 1910, ainda mantém seu estilo colonial. Está situada em pitoresco sítio no morro, próximo à Praça Mauá, outrora defronte ao mar, hoje está dele afastada devido aos aterros na região. Próximo está o largo de São Francisco da Prainha, com arquitetura eclética datando da virada do século XX, e onde no século XVIII e princípio do XIX era montada a fôrca. Ali foram justicados os heróis pernambucanos da Confederação do Equador.

Subindo-se pela Rua Gago Coutinho, chega-se ao antigo Largo Municipal.

A Coluna monumental em pedra, erguida em 1853 pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva no antigo largo Municipal, no Valongo, foi uma homenagem ao desembarque naquele local, em 1843, da Imperatriz Da. Teresa Cristina Maria, esposa de D. Pedro II. Foi o entorno remodelado na ocasião pelo arquiteto Grandjean de Montigny. Hoje, cercada de modernos prédios, sobrevive a coluna apenas como testemunho de uma época.

Subindo-se pela rua Camerino, indo no encontro da rua Barão de São Félix, existe o famoso Jardim do Valongo, um curiosíssimo logradouro constituindo-se de um jardim suspenso na falda do morro, criado em 1905 pelo Prefeito Pereira Passos, e hoje muito arruinado, se bem que ainda impressionante em sua concepção. Do alto de suas muralhas, pode-se admirar o largo dos Estivadores, com seu casario da época Imperial, bem como o morro do Livramento, onde, em 1839, nasceu o futuro escritor Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), glória das letras nacionais.

#### EDIFÍCIO “A NOITE” - PRAÇA MAUÁ

Este elegante prédio em estilo art-déco foi, por muitos anos, o maior arranha-céu do Rio de Janeiro e é, ainda hoje, um dos mais bonitos. Foi projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire, com cálculo estrutural do engenheiro Emílio Baumgart. Com 23 andares, era dotado de restaurante e pérgula na cobertura, sendo por muitos anos uma das principais atrações da cidade a ascensão ao último pavimento. Foi construído entre 1929 e 1930. A conclusão de cada pavimento era, à época, motivo de festa nacional.

Nele funcionou por muitos anos o Jornal “A Noite”. Este jornal, de índole governista, caiu no desagrado popular durante a Revolução de 1930, sendo o prédio invadido pela população enfurecida e depredado. Na Era Vargas, foi ocupado por diversas instituições federais, inclusive o Departamento de Imprensa Nacional, bem como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que chegou a contar, já em fins dos anos cinqüenta, com mais de 130 atores, atrizes e artistas em seu “cast”. Perfilaram seus microfones nomes capitais como Carmem Miranda, Ary Barroso, Lamartine Babo, Francisco Alves, Emilinha Borba, Marlene, e o popularíssimo programa “César de Alencar”, dentre outros.

Adquirido em grande parte na década de sessenta pelo Ministério da Indústria e Comércio, passou por grandes obras, tendo sediado aquele órgão até sua transferência para Brasília. Ainda hoje é ocupado comercialmente por muitas empresas e autarquias, tendo sido tombado pela municipalidade.

#### IGREJA DE SÃO FRANCISCO DA PRAINHA – MORRO DA CONCEIÇÃO.

Entre a alegre Praça Mauá e o pouco conhecido Largo de São Francisco da Prainha, na encosta do Morro da Conceição, próximo ao porto do Rio de Janeiro, existe uma das mais venerandas igrejas do Centro da cidade: a antiqüíssima capela de São Francisco da Prainha.

Fundada no remoto ano de 1696 pelo Padre Francisco da Motta, foi, com certeza, a primeira construção no Morro da Conceição e, talvez, de toda a região portuária. Dez anos antes, um mulato havia encontrado ouro em Minas Gerais e os portugueses que então desembarcavam no cais do Rio de Janeiro, ávidos de riquezas, patrocinavam a construção de igrejas por toda a cidade. Em 1704, Padre Motta doou a capela à Ordem Terceira da Penitência, bem como algumas casas ao redor que igualmente lhe pertenciam.

Remodelada a capela em 1710, foi, em setembro do ano seguinte arrasada pelo ataque dos corsários franceses, chefiados por René Duguay Trouin, que tomaram a cidade e a saquearam até às vésperas do Natal de 1711. As ruínas foram então adquiridas pela Irmandade da Ordem Terceira da Penitência, que a reconstruiu entre 1738 e 1740, em terras também doadas pelo Padre Francisco da Motta, em época que o mar batia no morro.

A Igreja é muito simples, com fachada alta encimada por um frontão reto e duas janelas no coro. Na lateral esquerda existe um campanário com um sino. A decoração interna data de uma reforma de 1910 e é toda em estilo neogótico. À volta do templo, existe um belo adro em pedra, formando uma pequena praça, cercada de casas por dois lados, sendo todas essas construções do início do século XIX. Este recanto colonial é o único assim preservado em toda a cidade do Rio de Janeiro, somente tendo a lamentar que a conservação da igreja tem sido descuidada nos últimos tempos.

Milton de Mendonça Teixeira, pesquisou e redigiu.